

Carta^{na} Escola



MINHA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

Carta na Escola e a organização não-governamental Ação Educativa lançam prêmio para aproximar sua escola da comunidade. Participe!

PATROCÍNIO:



Viver sem fronteiras

APOIO:



MENINOS DE ARAQUAÍ. O Coral, criado a partir de uma ONG, virou sucesso e já financiou um cinema para a cidade

REALIZAÇÃO:



APOIO INSTITUCIONAL:



PARTICIPE: A partir de agora, você já pode inscrever seu projeto

Invencionices de um roseano

TIÃO ROCHA Conheça um educador incomum. Ele criou uma escola debaixo de um pé de manga e, agora, quer tornar uma cidade inteira auto-sustentável

Mineiro de Belo Horizonte, Tião Rocha se auto-intitula “antropólogo por formação e educador popular por opção política”. Aos 59 anos, o ex-professor universitário é protagonista de uma série de invenções, que reúne crianças, pés de manga, e avança pelo sertão de Guimarães Rosa. Na cidade de Curvelo, região central de Minas Gerais, Tião iniciou os projetos para promover educação popular e desenvolvimento comunitário que levaram à criação do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD). Desde 1984, quando foi criado, o CPCD, já adaptou mais de 1,7 mil tecnologias a partir do saber popular para uso em escolas e comunidades de baixa renda. Seus projetos chegaram a outras regiões de Minas Gerais (Vale do São Francisco e Vale do Jequitinhonha), a quatro estados brasileiros (Espírito Santo, Maranhão, Bahia, São Paulo) e a dois países africanos, Moçambique e Guiné-Bissau. Agora o CPCD se juntou a outras 13 instituições para fazer de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, uma cidade sustentável. É sobre esse novo desafio e as suas invencionices que Tião, em visita a São Paulo, falou à editora **Livia Perozim**.

Carta na Escola: O CPCD tem quase 25 anos de vida, projetos premiados e replicados. Como tudo começou?

Tião Rocha: Sou apaixonado por Guimarães Rosa. Li uma carta em que ele dizia que Curvelo era a cidade capital da literatura dele. Fui para o sertão de Guimarães conhecer os seus personagens. E lá vi muito menino que não tinha oportunidade nem escola. Um dia, em entrevista à rádio local, levantei a pergunta: “A gente pode fazer educação sem escola?” Porque os meninos estão fora dela e precisam ser educados. Era para morrer aí. Mas apareceram pessoas buscando resposta. Fomos discutindo e percebi que não falávamos da escola que gostaríamos de ter, mas daquela que não gostaríamos de ter tido.

Eram 26 pessoas, divididas em 13 grupos, e, em cada grupo, havia dois educadores do CPCD. Nos organizamos com o compromisso de nos encontrar todos os dias para contar o que tínhamos feito. Fazíamos rodas de conversa e registrávamos tudo. Todos que estavam na roda eram convidados a sugerir o que iríamos estudar. Foi assim que organizamos assuntos e criamos pautas. E a nossa escola passou a ser embaixo de um pé de manga.



ERMALDO RODRIGUES

“ Um dia, levantei a pergunta: A gente pode fazer educação sem escola? (...) Era para morrer aí. Mas apareceram pessoas buscando resposta ”

CE: O Sementinha é dirigido a crianças que não estão matriculadas na educação formal?

TR: O Sementinha é uma escola itinerante que tem criança matriculada na educação formal, criança que nunca pisou numa escola e criança que abandonou a escola. Começamos a fazer roda em casas e quem sentasse na roda tinha de contribuir. Construímos assuntos e temáticas envolvendo o bairro. Hoje, temos a seguinte estrutura: a escola é o bairro, os educadores todos os que sentam na roda e o conteúdo é a cultura daquele bairro, os saberes, os fazeres e os querer. Nossa metodologia é sentar na roda.

CE: Com a “pedagogia de roda” surgiu a “pedagogia do brinquedo”. Como brincar virou ferramenta para aprender? E até negócio?

TR: A gente começou a se perguntar: ‘É possível que os

meninos aprendam brincando, de forma lúdica e prazerosa? Até então, a gente fazia isso, mas usava o livro. Tudo o que os meninos liam, eles tinham de fazer teatro, música. Era um jogo. Começamos a usar essa experiência com a sucata, transformando-a em brinquedo. O lixo virou sucata e depois brinquedo. Até que virou negócio, uma fabriquetas de brinquedo. A partir da pedagogia do sabão, criamos uma cooperativa que cria brinquedos, tinta de terra, geléia, doces, utensílios de ferro, bambu.

CE: O que é a “pedagogia do sabão”?

TR: É a de não desperdiçar nada. Ela surgiu há 23 anos, lá em Curvelo. Eu fui chamado para interagir com as escolas públicas da prefeitura e comecei a receber pilhas de relatórios que listavam as necessidades: material de limpeza, água, comida e por aí vai. Até que a dona Margarida chegou perto de mim e



falou: “Já que você não vai me dar, vou eu mesma fazer o sabão e o detergente que tem na minha lista”. Bom, ela foi lá e fez sabão de sebo com os alunos dela, de quarta série. Metade do sabão ficou na escola e a outra foi para a casa dos alunos. Depois fizeram 15 tipos de sabão, de pequi, de mamão, com cinza, sem cinza. Hoje, temos mais de 1,7 mil tecnologias de baixo custo, metade delas o menino faz com a mão nas costas. A outra metade tem custo zero.

CE: As outras fabriquetas surgiram também de uma necessidade local?

TR: A pedagogia de não desperdiçar nada começou a se espalhar. A gente começou a pensar em coisas. Por exemplo, temos muita alface. O que dá para fazer com ela? Suco de alface é bom? Farofa? Montamos uma cozinha experimental. Tudo o que era

aprovado entrava no cardápio. As crianças plantavam, brincavam de fazer comida e comiam. Um dia, tínhamos um monte de coisa: suco, bolo, sorvete. Os meninos de 16 anos que têm aquela demanda por trabalhar sugeriram vender os produtos na feira. Mas para vender tem de ter qualidade. Foi assim que organizamos as fabriquetas. Com as frutas fizemos licores, geléias, doces. Eles venderam e ganharam dinheiro.

CE: Como a turma se organizou em cooperativa?

TR: Os meninos das fabriquetas tinham de 14 a 16 anos, não tinham idade para montar uma cooperativa. Eu falei com o juiz e propus que, se os pais autorizassem a emancipação dos garotos, ia ser muito bom que ele permitisse a criação de uma cooperativa deles. Havia meninos ali que estavam ganhando seu dinheiro e ajudando em casa. E foi assim que nasceu a Cooperativa Dedo de Gente, que é deles. Só entra quem faz parte de um grupo de economia solidária. Os meninos da fabriquetas trabalham até as 16 horas e estudam à noite. Hoje ninguém pode ganhar menos de um salário mínimo para trabalhar quatro horas e meia.

CE: A matéria-prima de todas as fabriquetas é material reutilizável?

TR: A gente busca a auto-suficiência. Tudo é pensado sob a ótica da sustentabilidade, de como trabalhar com recursos renováveis, material orgânico, produzindo menos lixo. Esses conceitos foram sendo colocados e as fabriquetas são mantidas assim. Em Araçuaí (cidade do Vale do Jequitinhonha) tem uma fabriquetas de software e uma de cultura que gerencia o cinema da cidade.

CE: Em que momento esses conhecimentos dos projetos do CPCD se encontram com o que é ensinado na escola?

TR: No primeiro ano, em Curvelo, todos os meninos levaram bomba na escola. Os pais vieram todos. Disseram que os meninos iam mal porque perdiam tempo conosco. Pediram para a gente fazer um reforço escolar. Só que não era essa a nossa proposta. Os pais trucaram: ‘Você dá diploma?’ Eu respondi que não, e eles ameaçaram tirar os meninos do CPCD. Mas sem menino a gente não faz nada, certo? Tivemos de descobrir qual era a dificuldade que eles tinham na escola. Foi assim que surgiu o nosso primeiro

“ Nas fabriquetas a gente busca a auto-suficiência. Tudo é pensado sob a ótica da sustentabilidade, de como trabalhar com produtos renováveis ”

Prêmio Minha Comunidade Sustentável



RODRIGO DAV

sim. Hoje, esses moradores fundaram uma organização comunitária.

CE: *Houve resistência para levar a Folia de Livro, biblioteca itinerante, à casa dos moradores?*

TR: Foi fácil. A gente espalhou livros onde a comunidade estava: ônibus, botequim, armazém. Montamos centenas de algibeiras. Esse processo teve impacto. Passamos a levar a biblioteca para a casa das pessoas e lá ficava por um mês. Um dia, conversando com uma mãe, surgiu a idéia de fazer algo mais festivo, uma folia. As mães produziram uma folia de reis com o livro, com direito a bandeira, foguete, cavalo, tudo. Em Araçuaí e Curvelo tem romaria que sai com 200 pessoas, 70 pessoas a cavalo, carregando livros.

jogo, a damática (dama + matemática). Porque tinha um garoto que ganhava todas as partidas de dama, mas não sabia fazer as quatro operações matemáticas. Hoje, temos os bornais de jogos, com mais de 150 diferentes modalidades.

CE: *Como vocês trouxeram os adultos da comunidade, inclusive os que não têm filhos, para ser educadores?*

TR: É possível fazer uma escola debaixo de um pé de manga, mas é impossível educar sem bons educadores. A gente tem de formar educadores no local onde eles vivem. Não importa muito o currículo deles. Vale muito mais a vontade que o educador tem de aprender. É claro que aparece de tudo. Teve um clássico que virou uma tecnologia, que é o biscoito “escrevido”. Uma mãe sugeriu que os meninos escrevessem os nomes com letras de biscoito de polvilho que eles mesmos faziam. Pronto. Eles faziam e comiam biscoito e aprendiam as letras. É fantástico. A gente formou um time em Curvelo. Em Moçambique, eram educadores que trabalhavam com jovens e crianças que viviam em campos de refugiados da guerra. Em Vitória, era para transformar o lixão numa escola.

CE: *E vocês fizeram uma escola no lixão?*

TR: Sim, fizemos. Por que não? A história foi a seguinte. Ninguém queria sair de lá. O lixo mudava de lugar e as pessoas iam junto. Então, já que ninguém sai, o que podemos fazer para que o lixão vire uma escola? Muitos deles diziam que não poderia haver uma escola num lixão. “Nem casa”, respondi. “Ninguém pode aprender num desses”, diziam. E eu retrucava: “Nem viver”. Até que a gente chegou num acordo: a escola seria no lixão onde eles moravam. Se eles moram lá porque “não tem outro jeito”, iriam aprender lá porque também “não tem outro jeito”. Se eles não saem, eu também não. E foi as-

“ Se a gente construir uma plataforma de transformação em Araçuaí, teremos um impacto positivo em outros lugares do País ”

CE: *Como Araçuaí pode se tornar uma cidade sustentável?*

TR: Cidade sustentável é aquela em que você consegue a seguinte equação: produzir satisfação econômica, mais valores humanos e culturais, mais compromisso ambiental, mais “empodimento” comunitário (que vem de “pode fazer isso?”). Essa soma é igual a transformação social, e deve ser pensada de forma sistêmica. Para isso, criamos dois programas. Um é o **Meu Lugar É Aqui**, ou seja, uma cidade sustentável é aquela que ninguém precisa sair de lá porque há condições favoráveis para as pessoas viverem. O outro é o **Cuidando dos Tataranetos**. A gente quer que todos pensem no futuro da cidade.

CE: *As escolas de Araçuaí estão integradas?*

TR: A atual administração rompeu com o governo anterior. Quase fomos proibidos de entrar nas escolas municipais. A prefeitura perdeu recursos financeiros porque deixamos de fazer coisas lá. O que se espera é que a administração anterior, voltando a gente tenha uma possibilidade mais ampla de trabalhar com as escolas da prefeitura. As escolas estaduais têm mais contato com a gente.

CE: *Por que Araçuaí?*

TR: O Vale do Jequitinhonha já foi citado como um dos cinco maiores bolsões de pobreza do mundo. O problema da seca que atinge todo o Semi-Árido brasileiro deixa a população local em situação de vulnerabilidade, fragilizada em relação às questões de desenvolvimento sustentável. Como consequência, os trabalhadores saem de lá e vão para as periferias das grandes cidades. Se a gente construir uma plataforma de transformação social ali, teremos um impacto positivo em outros lugares do País.

A rua também educa

PEDAGOGIA DA RODA Educador desafia pressupostos que tornam a educação um “serviço militar obrigatório” e cria a escola embaixo do pé de manga

Por **Ricardo Prado**, de Curvelo (MG)

Antes de tudo, havia um professor, um dedicado mestre mineiro chamado Sebastião. Ele dava aulas de História em uma faculdade e num colégio particular, daqueles que preparam muito bem os filhos da classe média alta de Belo Horizonte, lá pelos anos 1980. Considerava seus alunos do Ensino Médio mais bem preparados e interessados do que os que modorravam em suas aulas noturnas na faculdade. E, entre aqueles adolescentes brilhantes, um em especial chamava sua atenção pelos comentários inteligentes e por sua capacidade de inigualável de questioná-lo sobre absolutamente “tudo” em relação à sua matéria. Pois um dia, sem mais nem menos, o adolescente André se matou. No velório, ainda estupefato com o acontecido, o professor foi procurado pelos pais do falecido. Por eles, soube que fora o seu ídolo, e que André o tomava como “o melhor professor que já tivera”. Os pais queriam saber se ele desconfiava de algum problema com André.

Aquele acontecimento infeliz tornou-se uma pedra no caminho de Sebastião. Como pudera conviver dois anos com o rapaz, instruí-lo sobre a Revolução Francesa e outros que tais sem perceber qualquer pista de seu futuro suicídio? O evento funesto gerou uma decisão no educador, conforme ele próprio lembraria, duas décadas mais tarde: “Eu nunca mais quero que meus alunos aprendam as histórias dos outros antes de entenderem suas próprias histórias”. Era uma forma de fazer com que ele próprio também prestasse mais atenção às histórias de seus alunos. E foi o que fez. Do trágico acontecimento nasceria, com dor, revolta e esperança, o educador Tião Rocha. De sua cabeça criativa sairiam pro-

postas para uma nova educação, mais pé no chão, que tivesse a cara e o jeito de um Brasil escondido, a ser descoberto por quem estivesse disposto a recomeçar a ensinar a partir de outras bases. E, de preferência, embaixo de um pé de manga.

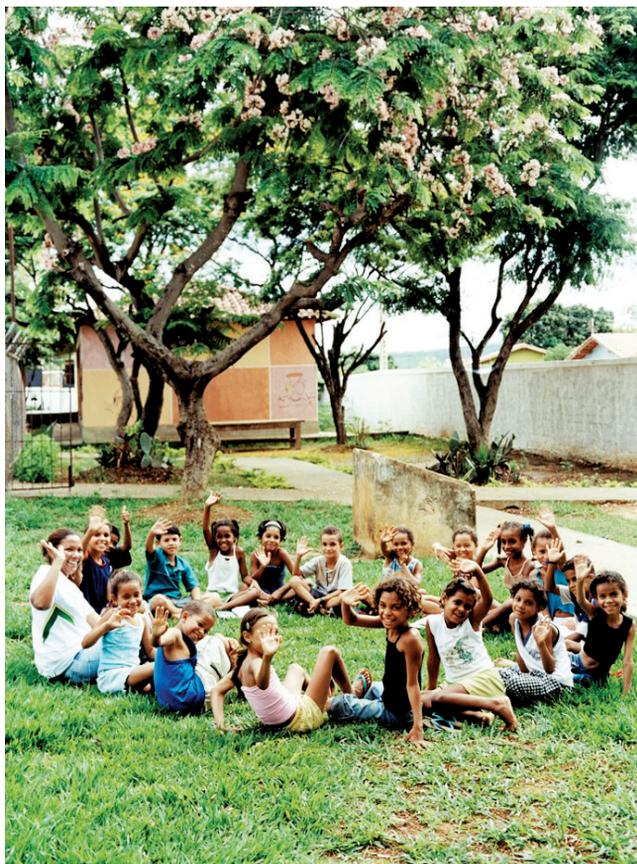
De Belo Horizonte, Tião foi para Ouro Preto, onde trabalharia por alguns anos na Universidade Federal. Apenas o tempo suficiente para constatar a distância que havia entre ser professor e ser educador. “Na universidade só havia ‘ensinagem’. E não

era isso que eu queria”, lembra. Aos 36 anos, pediu demissão, definitivamente enfadado com uma universidade que nem sequer conseguia contribuir para que a população local refizesse suas casas históricas, construídas em adobe e destruídas por uma enchente devastadora, pois não havia ninguém naquela faculdade de engenharia que valorizasse esse tipo de construção popular. Em janeiro de 1984 nascia na casa do desempregado Tião Rocha, em Ouro Preto, o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD).

OS “NÃO-OBJETIVOS”

O primeiro trabalho do CPCD aconteceria na cidade de Curvelo, região central de Minas Gerais, a convite de uma ex-aluna que passara a trabalhar na Secretaria de Educação. A cidade já era conhecida de Tião graças à sua paixão pela literatura de Guimarães Rosa, que considerava Curvelo a “ca-

pital” de sua literatura. Mas Tião não queria nenhum trabalho convencional de ‘ensinagem’ e sua primeira proposta foi divulgada na rádio local: “Seria possível haver uma educação sem escola?” No dia seguinte à pergunta provocativa, 26 pessoas se apresentaram para discutir a possibilidade, entre professores e curiosos. O grupo sentou-se durante uma semana, formando uma roda na qual muito se disse, principalmente da escola que



RODA VIVA. Do círculo no início do dia nascerão as atividades coletivas

Prêmio Minha Comunidade Sustentável



JOGOS. O CPCD criou um embornal com jogos educativos para escolas

ninguém queria. Da conversa surgiram os primeiros “não-objetivos”, que norteariam as escolas embaixo dos pés de manga – uma imagem forte o suficiente para mostrar que não havia nenhuma necessidade de prender crianças dentro de quatro paredes e que o próprio bairro poderia ser uma escola expandida. Também, é claro, não era necessário haver um pé de manga para essa escola de pés no chão.

Com grande quantidade de crianças pequenas fora das escolas, por falta de oferta em educação infantil, não foi difícil arregimentar alunos. Mas faltava o principal: dinheiro para pagar os educadores e um mínimo material didático que fosse necessário – mesmo imaginando que a lousa seria o chão de areia vermelha de Curvelo e o giz, um pedaço de graveto. Aqui entra o empreendedor Tião Rocha, que soube convencer a Fundação Kellogg da viabilidade do primeiro projeto do CPCD, que ganhou o nome de Sementinha. O apoio inicial, e que se manteria ao longo de oito anos, foi crucial para que a semente brotasse.

A REINVENÇÃO DA RODA

A proposta de trabalho do Sementinha nascia da própria roda formada por uma dupla de educadores e pelas crianças, divididas por faixas etárias. No começo da experiência, as crianças sugeriam os temas, votava-se e os preferidos eram trabalhados pela turma. Depois de algumas semanas, os professores perceberam que acontecia o desinteresse dos que não conseguiam emplacar suas idéias, e o perigoso passo seguinte poderia ser a desistência. Daí resolveu-se que toda proposta feita por criança teria de ser trabalhada, em algum momento, pelo grupo.

Também da roda que se formava a cada dia letivo nasciam questões como a conveniência ou não de se adotar algum tipo de uniforme, diante da reclamação das mães de que seus filhos chegavam em casa sujos de poeira. Para evitar que a escola no pé de manga ficasse cada vez com mais cara de “escola”, em vez de uniforme, os organizadores foram atrás de quem fizesse tapetes. Outros pais reclamaram de seus filhos sob o sol inclemente do sertão mineiro. Novamente, em vez de fechar as crianças, surgiu a proposta de fazerem chapéus para todos.

De outra feita, um aluno em fase final de catapora precisava de repouso, mas já não oferecia risco de contágio. E a turma inteira foi ter aula em sua casa. Na semana seguinte, o aluno trazia um recado: “Mãe mandou dizer que não precisa ter catapora pra estudar lá em casa”. “De repente, tínhamos 15 novas salas de aula, pois cada um queria que os outros conhecessem sua casa”, relembra Tião. Nesse formato, a escola Sementinha abrangia agora o bairro e as casas dos alunos; os laboratórios eram as hortas, quintais e pomares das famílias.

Mas a itinerância da turma pela cidade gerava outro problema, o risco de atropelamento e a necessidade de andar em fila. “Mas fila educa?”, a pergunta surgiu em uma roda. “Não, fila organiza, mas não educa.” Então, ninguém precisaria de fila, apenas de bons combinados. A partir desse dia, não seria nada incomum ouvir o seguinte comentário de um habitante de Curvelo: “Ontem a escola passou em frente de casa duas vezes...”

Dessa forma, enfrentando com criatividade os percalços diários, surgia uma nova pedagogia, uma maneira criativa de envolver aquelas crianças com um tipo de aprendizagem lúdica e prática. Estava inventada a Pedagogia da Roda, sem que nenhum educador tivesse se dado conta disso. É claro que, por trás dessa microrrevolução, havia alguém como Tião Rocha, que aprendera a pensar de maneira invertida. “Eu não quero tirar os meninos da rua. Eu quero mudar a rua, pra que ela possa ser também um espaço educativo, já que também é o espaço da cidadania, da celebração das vitórias, da festa, da religião etc.”

O “PAULOFREIRISMO” DO CPCD

Bem-sucedido e bem avaliado pela cidade e pelos patrocinadores, o Sementinha ganharia um projeto-irmão, chamado Ser Criança, este para a turma de 7 a 14 anos, em horário complementar à escola. O reconhecimento definitivo da revolução pedagógica do CPCD chegaria em 1995, quando superou 406 concorrentes e obteve o primeiro lugar no Prêmio Itaú-Unicef. Mas



“ESCRIVIDO”. Biscoito em forma de letra, para ensinar e ser comido

o melhor reconhecimento para esse projeto, volta-do para a educação pelo brinquedo, seria colhido por Doralice Mota, diretora do CPCD, ao encontrar um pai agradecido, junto com seu filho. Provocado a dizer o que achava bom no projeto, o menino saiu-se com essa: “Lá é bom porque a gente não estuda nada, só brinca”. O pai ficou vexado com a resposta, tampouco entendeu a satisfação com que a diretora ouviu o relato sem censura do jovem, que simplesmente não percebia o quanto ele aprendia brincando. Ou seja, restava provado que uma escola não precisa ser um serviço militar obrigatório aos 7 anos. E o caminho pode estar resumido nas múltiplas acepções do verbo “paulofreirar”, que Tião recomenda, sempre que possível, ser conjugado no plural. Significa ler o mundo de uma forma menos escolarizada e mais educadora.



DEDO DE GENTE. Cooperativa auto-sustentável gera renda e forma mão-de-obra

UMA SAÍDA SUSTENTÁVEL

Mas, além dos problemas educacionais propriamente ditos, havia um, maior, pairando sobre as cabeças dos alunos envolvidos com o CPCD: a sobrevivência pura e simples. Era preciso criar alguma forma de renda para que os meninos não seguissem o destino de seus pais: abandonar a escola no meio do ano para colher cana no interior de São Paulo. Na volta, perdia-se o ano letivo, o interesse e, com isso, o trabalho de muitos anos. Foi a partir dessa necessidade que surgiria o plano mais audacioso de Tião Rocha: criar uma fonte de renda que tornasse aqueles jovens menos vulneráveis.

O caminho vislumbrado foi a criação de pequenas fabriquetas formadas por grupos de jovens em cooperativa. As primeiras partiram da experiência do Sementinha, que sempre fabricou os próprios brinquedos a partir de sucatas. Assim, os brinquedos tornaram-se produtos da Cooperativa Dedo de Gente, que desde 1996 vem expandindo suas atividades e empregando dezenas de jovens, que nunca recebem menos que um salário mínimo, explica João Carlos Caetano, gerente comercial da cooperativa. A Dedo de Gente vende embalagens de pizza, recebendo inclusive encomendas de cidades vizinhas, faz móveis com madeira de demolição, esculturas em metal, doces, geléias, licores, bordados e mais de 900 jogos pedagógicos – todos testados pelos cooperados. A própria rede pública de Curvelo adotou 230 deles. A mais recente fabriqueta é a Imobiliária Pra Quem Sabe Voar, especializada em construir casas... para passarinhos.

Tião relembra com satisfação um episódio envolvendo 13 meninos da cooperativa que, com a chegada do primeiro salário, foram atrás do sonho de consumo de qualquer adolescente pobre, principalmente em uma cidade plana e espalhada como Curvelo: uma bicicleta. O dono da loja chegou a telefonar para Tião, desconfiado daqueles meninos, todos com dinheiro na mão e o mesmo sonho na

cabeça. Queria saber se o dinheiro era deles mesmo.

Todas as fabriquetas da cooperativa devem criar um produto novo por mês. O compromisso com a inovação tem até nome, MDI (Maneira Diferente e Inovadora). Se ele for viável comercialmente, entra em produção; caso contrário, serviu para que ninguém ficasse deitado, confortavelmente, no já-conhecido.

Outro compromisso das cooperativas é com a qualidade, aferida por meio de 12 critérios contidos no IQP, Indicador de Qualidade de Projeto, que renderia à organização mais um prêmio, desta vez de tecnologia social, pela Fundação Banco do Brasil.

Cooperativa.
13 meninos entram
na bicicletaria para
realizar, ao mesmo
tempo, um sonho
de consumo

DO CANTO AO CINEMA

Em Araçuaí, cidade mineira com forte atuação do CPCD, a organização montou o Sítio Maravilha, uma área de 5 hectares produtivos que virou fonte de experiências dos princípios ecológicos da permacultura, que busca produzir sem degradar o meio ambiente. Na cidade, além dos projetos educacionais e das cooperativas, também se formou um coral chamado Meninos de Araçuaí, que se apresentou com Milton Nascimento e já arrecadou, em direitos autorais, cerca de 40 mil reais. Uma pequena fortuna, se fosse dividida entre os componentes do grupo, da mesma forma como fizeram aqueles compradores de bicicleta em Curvelo. Mas o dinheiro poderia ser usado para algo maior, como um cinema, o primeiro de Araçuaí. Ele acaba de ser inaugurado, para orgulho e satisfação do grupo coral. E do educador que um dia prometeu que ensinaria outro tipo de história para seus alunos. A história de vidas que podem ser bem melhores – e serão.

SAIBA MAIS

- CPCD (sede): Rua Paraísoópolis, 80 – CEP: 31010-475, Belo Horizonte (MG), tel: (31) 3463-6357. Site: www.cpcd.org.br
- Cooperativa Dedo de Gente: Rua Uberaba, 65 – Curvelo (MG). Site: www.dedodegente.com.br

Prêmio Minha Comunidade Sustentável



MICHELE DE LIMA

MÃO NA MASSA. Escola participa da experiência de plantio orgânico

Nossa praia mais sustentável

PESCA E ENSINO Escola localizada em uma comunidade pesqueira do Ceará ensina a preservar a lagosta e o sustento das futuras gerações

Por **Roseana Chaves**, de Beberibe (CE)

A primeira impressão que se tem é que a tranquilidade e a calma imperam na Prainha do Canto Verde, localizada no município de Beberibe, a 120 quilômetros de Fortaleza, no estado do Ceará. A comunidade de pescadores surgiu a partir do casal Joaquim Caboclo Fernandes e Filismina Maria da Conceição, que em 1870 chegou ao local para dali extrair seu sustento com a pesca da lagosta. Seus descendentes permaneceram no lugar, que, atualmente com mais ou menos 1,2 mil habitantes, ocupa uma área de 750 alqueires. Para a comunidade do Canto Verde, as principais ameaças ao modo de vida herdado dos pioneiros vêm da pesca predatória e da especulação imobiliária. São estes os espetros que rondam os 5 quilômetros de praias entre lagos, dunas e vazantes que formam uma imensa riqueza ecológica e onde seus moradores subsistem da pesca de peixes e lagostas vermelhas e verdes.

O regulamento da terra, elaborado pela Comunidade da Prainha do Canto Verde após dois anos de discussão entre os moradores, que promoviam palestras durante as novenas e outras ocasiões, significou uma vitória importante contra a Imobiliária Henrique Jorge, interessada em vender

lotes na região para turistas. Durante os debates que abrangeram quase todos os moradores da comunidade, contaram com a participação da Escola Municipal Bom Jesus dos Navegantes, que envolveu os alunos no projeto pedagógico “Minha Terra, Minha História”, para que entendessem o movimento pela posse da terra e compreendessem também o que seria sustentabilidade, em especial em respeito à pesca. Em 2006, definiu-se a posse da terra em nome da comunidade. O passo seguinte será dado em breve, com a criação de uma reserva extrativista vinculada ao Ministério da Pesca. Os moradores entendem que esta é a melhor forma de preservar os recursos naturais e o desenvolvimento responsável e sustentável da comunidade. A área a ser protegida, de 54 quilômetros, ficará na divisa de Beberibe com as cidades de Fortim e Cascavel. Os pescadores de Beberibe pretendem, assim, continuar com sua pesca artesanal nessa área, que passará a ser protegida pela Marinha, pela legislação e pelos próprios pescadores.

No currículo.
Projeto Catamarã trouxe a pesca para ser estudada na escola

ESCOLA E SUSTENTABILIDADE

Quando se fala em sustentabilidade numa região como a da Prainha do Canto Verde, chega-se rapidamente ao que vem fazendo a Escola Municipal Bom Jesus dos Navegantes, porque seus projetos estão, de fato, integrados a tudo o que acontece

na comunidade. São inúmeras as ações que escola e comunidade realizam, a maioria idealizada por René Schärer, um suíço que estava de passagem e resolveu se estabelecer na Prainha. Uma “passagem” que se provaria definitiva.

A escola, fundada em 1980, nasceu sem recursos e com apenas duas salas de aula. Em 1996, segundo a diretora Marlene Fernandes, os pais de alunos, juntamente com a comunidade, procuraram obter melhorias, inclusive no tocante à estrutura física do prédio da escola, tornando-o mais amplo. Também foram feitas mudanças no projeto pedagógico com o objetivo de torná-lo mais próximo da realidade local.

Atualmente a escola conta com 300 alunos divididos em dois turnos do Ensino Fundamental I e II, além de 22 alunos do grupo de adolescentes, jovens e adultos matriculados à noite na Educação de Jovens e Adultos. Ali se desenvolvem atividades nas aulas de Arte, como a confecção de toalhas em labirinto, trabalhos de “fuxico” e madeira, em salas adaptadas com maquinário. Os produtos são comercializados na Loja Bodega Solidária, em casas de famílias da região, nas pousadas ou em festas improvisadas no galpão de propriedade de um morador. O objetivo com a venda de produtos artesanais é o de valorizar os saberes locais, além de suprir as necessidades das famílias, pois a renda financia melhorias para o povo do lugar.

Outro projeto de grande relevância, explica Milena Machado de Carvalho, coordenadora da Escola Municipal Bom Jesus dos Navegantes, é o Regata Ecológica, no qual as crianças e os jovens criam desenhos e pinturas com motivos de sustentabilidade e meio ambiente, que são ampliados e colocados nas velas das jangadas dos pescadores da Prainha do Canto Verde durante a festa anual da regata ecológica.

PESCA NO CURRÍCULO

A pesca também é ponto de destaque no currículo. A maioria dos alunos do Ensino Fundamental e Médio tem conhecimentos adquiridos através de seus pais, quase todos pescadores. Entre os temas estudados, há o Projeto Catamarã, que prevê a gradual substituição da jangada por um tipo de barco mais bem adaptado, mais confortável e com tecnologia de pesca adequada ao trabalho extenuante feito pelos pescadores, que passam a maior parte do tempo no mar, isolados da família.

Já o Projeto Escola dos Povos do Mar visa incluir os pescadores que desistiram de estudar na 5ª série para sustentar suas famílias. Para os alunos que retornavam ao ambiente escolar, buscou-se uma aprendizagem diferenciada, com ênfase nos aspectos tecnológicos, econômicos e culturais da pesca artesanal. De quebra, o projeto serviu para desenvolver nos alunos (muitos deles futuros pescadores) noções do que seria um desenvolvimento sustentável – e desejável – para a região.

Outra proposta que mira o desenvolvimento sustentável da comunidade é A Arte de Viver, em que se utiliza a agroecologia orgânica em área de 1 hectare, onde se usa a água proveniente das chuvas, também chamada de vazante. Essa água existente 2 metros abaixo do solo é captada e utilizada de maneira ecológi-

ca no plantio. Há dois anos, quatro famílias de pescadores utilizam as novas técnicas de plantio e irrigação da chamada permacultura, fazendo uso, também, da energia eólica obtida através dos cataventos. Existe uma família que optou pelo uso de catavento artesanal feito por eles mesmos de madeira. Há também uma horta comunitária na vazante que utiliza um catavento instalado na praia da região. Já os canteiros da horta da escola são irrigados por meio de poço profundo com a utilização de motor. A horta da escola surgiu há dois anos com o Projeto Geração Muda Mundo, financiado pela Ashoka, uma fundação internacional com sede em Washington (EUA) que promove o empreendedorismo social. A experiência envolve atualmente seis grupos de jovens da comunidade e levou os alunos participantes a um encontro em Limoeiro do Norte, no Ceará. O grupo ganhou um prêmio de 1.500 reais pela iniciativa.

TERRA. Comunidade conseguiu deter a especulação imobiliária, que parecia inevitável



ROSEANA CHAVES

Há cerca de 15 anos, a pesca na Prainha do Canto Verde caminava para a insustentabilidade, devido ao grande número de atividades ilegais e predatórias. Havia o problema dos atravessadores e empresas que praticavam a captura ilegal de lagostas ainda não inteiramente formadas. A mudança a meio caminho do desastre econômico e ambiental deu-se com a criação de uma cooperativa. Foi um passo importante no sentido de, juntos, os pescadores ganharem força competitiva diante de outras empresas. Atualmente, todos os pescadores da comunidade são conscientes de que não podem pescar exemplares muito pequenos para repor os estoques. Em decorrência dessa conscientização criou-se a Lei de Pesca, que não está em nenhum papel, mas vale como lei entre as famílias de pescadores da Prainha do Canto Verde. Como também vale como lei o que os pescadores de amanhã aprendem hoje na escola da comunidade: o bom pescador sabe pescar sem comprometer as futuras gerações de humanos e de um de seus alimentos preferidos, a saborosa e preciosa lagosta.

SAIBA MAIS

■ Internet

www.gmm.org.br

www.prainhadocantoverde.org

Regulamento



Apresentação

O **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** é uma iniciativa da Editora Basset, designada neste Regulamento Organizadora, a ser realizado por meio da revista **Carta na Escola** e apoiado pela organização não-governamental **Ação Educativa**.

Tem por objetivo estimular e apoiar a criação e execução de projetos escolares inovadores que busquem soluções de sustentabilidade da vida no planeta, incluindo-se aí as dimensões social, ambiental e econômica.

No contexto do Prêmio, um projeto para uma comunidade sustentável deve implicar a mobilização e a aprendizagem do grupo escolar participante.

Sustentabilidade deve ser entendida como um conceito sistêmico, que integra as dimensões acima citadas. Mais ainda, implica certo equilíbrio, em contraposição a uma noção de desenvolvimento econômico ilimitado, dada a finitude dos recursos do planeta. Assim, não se podem criar soluções de geração de renda para uma comunidade que vive os efeitos da miséria produzindo ações negativas para o meio ambiente. Ao mesmo tempo, não devemos conservar o meio ambiente em detrimento dos seres humanos que vivem em uma comunidade.

Regulamento

1 Participantes

Podem se candidatar ao Prêmio unidades executoras vinculadas a uma escola, que tenham como finalidade a gestão de recursos financeiros transferidos para a manutenção e desenvolvimento do ensino. Entende-se por unidade executora, nos termos da legislação vigente, as associações de pais e mestres (APM), as caixas escolares, os círculos de pais, associações de pais e professores (APP), associações de pais, alunos e mestres (Apam) e outras denominações com o mesmo fim.

Os projetos devem estar vinculados ao Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), ao Ensino Médio (1ª à 3ª série), ao EJA – Ensino Fundamental ou ao EJA – Ensino Médio da rede pública ou particular de ensino. E podem ser realizados exclusivamente pela unidade escolar ou em parceria com organizações não-governamentais (ONGs), associações de bairro ou instituição que ofereçam apoio técnico.

O projeto proposto deve ser original e desenvolvido como um trabalho de professores e alunos ao longo de um período escolar e não precisa se limitar ao espaço da escola, podendo trazer soluções e inovações para a comunidade do entorno.

2 Inscrições

As inscrições serão aceitas de **12 de maio a 29 de agosto de 2008** e poderão ser feitas da seguinte forma:

2.1) Pela internet, por meio dos sites www.cartanaescola.com.br e www.acaoeducativa.org. Deverá ser preenchida a ficha de inscrição e o formulário de descrição do projeto (encontrados no site www.cartanaescola.com.br e nas edições de maio, junho e agosto de 2008 da revista *Carta na Escola*). As inscrições serão validadas após a análise do cumprimento dos critérios de participação. A confirmação de recebimento da

inscrição será enviada pelos organizadores por e-mail.

2.2) Nos casos em que não for possível fazer a inscrição por meio eletrônico, esta poderá ser feita pelo Correio, com o envio da ficha de inscrição e do formulário de descrição do projeto para rua General Jardim, 660, São Paulo (SP), CEP 01223-010, em envelope identificado como **Prêmio Minha Comunidade Sustentável**. Serão aceitas as inscrições postadas até o dia 29 de agosto de 2008. Nesses casos a confirmação de recebimento da inscrição será por fax.

2.3) No ato da inscrição deverá ser informado o nome de um Gestor do projeto. Este deverá ser membro do corpo docente da escola e o responsável pelo trabalho e pela gestão dos recursos recebidos.

2.4) O material enviado para a inscrição não será devolvido e os avaliadores podem solicitar informações e documentação complementares.

2.5) A inscrição será gratuita.

2.6) Cada unidade escolar poderá apresentar mais de um projeto.

2.7) Não poderão participar do concurso pessoas que possuam algum grau de parentesco com os funcionários e/ou contratados da Organizadora e da ONG Ação Educativa.

3 Critérios de avaliação dos projetos

Os projetos inscritos serão analisados por um comitê técnico formado pelos organizadores e avaliados em três etapas: a) validação da inscrição conforme os critérios deste regulamento; b) análise e seleção de 30 projetos por um comitê técnico, formado por pessoas externas à Ação Educativa e à Organizadora; c) seleção dos 10 melhores projetos por uma comissão julgadora.

3.1) Divulgação dos resultados

Em 27 de outubro de 2008 serão divulgados os resultados por meio dos sites www.cartanaescola.com.br e www.acaoeducativa.org e enviados telegramas às equipes responsáveis pelos projetos selecionados.

4 Premiação

Haverá um evento de premiação em novembro de 2008 e os dez grupos selecionados deverão enviar o Gestor do projeto e designar um

Critérios de avaliação que nortearão as etapas acima descritas:

I. Inserção do projeto nos termos da definição de sustentabilidade expressa na apresentação do Prêmio.

II. Viabilidade técnica e jurídica para a implementação do projeto.

III. Adequação dos recursos disponibilizados aos fins declarados no projeto.

IV. Cronograma factível e compatível com os objetivos a serem alcançados pelo projeto.

V. Ser concebido e executado por professores e alunos de uma unidade escolar com apoio ou não de organizações não-governamentais (ONGs), associações de bairro ou instituição que ofereça apoio técnico.

VI. O projeto deve ser original e desenvolvido ao longo de um período de 6 meses do calendário escolar (fevereiro a julho de 2009).

VII. A elaboração e realização do projeto devem implicar ação de caráter transformador na comunidade-escola ou na comunidade de maneira mais ampla (o entorno, a rua, o bairro, a cidade).

VIII. Será considerado o critério de proporcionalidade entre o número de projetos inscritos e premiados conforme as regiões do país.

dos alunos participantes. Os grupos serão hospedados na cidade de São Paulo, em local a ser oportunamente definido pela Organizadora, responsável pelo transporte dos grupos de ida e volta a sua cidade, traslado em São Paulo, alimentação e hospedagem durante o período de permanência do grupo.

5 Prêmio

As escolas que tiverem seus projetos escolhidos pela comissão julgadora receberão como prêmio:

- Certificado de participação.
- Um computador para cada escola envolvida nos projetos selecionados.
- Uma assinatura da revista **Carta na Escola** válida por 1 ano.
- As unidades executoras serão depositárias do prêmio em dinheiro que tem a finalidade de viabilizar a implantação dos projetos, sendo estes:

1 prêmio de até 30 mil reais;

2 prêmios de até 15 mil reais;

5 prêmios de até 10 mil reais;

2 prêmios de até 5 mil reais.

O valor do prêmio será depositado em uma conta corrente exclusiva para esse fim em nome da unidade executora. O prêmio será pago em três parcelas, sendo a primeira referente a 50% do total, depositada em 30 de janeiro de 2009. A segunda parcela, referente a 40% do valor total da premiação, será depositada após 60 dias e a terceira, referente aos 10% restantes, após 120 dias a contar do recebimento da primeira parcela.

5.1) Gestão dos recursos

A implantação do projeto e a utilização dos recursos financeiros disponibilizados pelo **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** serão de responsabilidade do Gestor indicado na ficha de inscrição pela unidade executora.

A implantação do projeto será monitorada por um responsável designado pela Organizadora e pela ONG Ação Educativa e deverá acontecer até o final de julho de 2009.

O Gestor do projeto será responsável pela prestação de contas com notas fiscais, recibos e relatório de utilização dos recursos para serem enviados à Comissão Organizadora do Prêmio até 10 dias antes da data de depósito da parcela seguinte.

O modelo de relatório será enviado por e-mail ao Gestor do projeto imediatamente após o pagamento da primeira parcela.

Os relatórios e as comprovações de gastos devem ser enviados para a Ação Educativa, rua General Jardim, 660, São Paulo, CEP 01223-010, em envelope identificado como **Prêmio Minha Comunidade Sustentável – Relatório**.

Os recursos devem ser gastos entre fevereiro e julho de 2009, não sendo possível estender esse prazo.

Os recursos recebidos não poderão ser gastos com remuneração de pessoal, despesas com alimentação, transporte e estadia. A compra de equipamentos e insumos deve estar diretamente relacionada às necessidades do projeto.

A liberação das parcelas estará condicionada ao envio e à aprovação dos relatórios. Caso o relatório não seja aprovado, será devolvido com as recomendações para ser refeito e reenviado. A não aprovação da prestação de contas implica desclassificação do projeto e a devolução dos valores já recebidos em até cinco dias úteis após a comunicação por carta.

Cada projeto poderá receber uma visita técnica com a finalidade de acompanhar a sua implementação.

6 Cessão de Direitos – Autorizações

6.1) O Prêmio tem caráter exclusivamente cultural, sem nenhuma modalidade de sorteio ou pagamentos pelos concorrentes nem é vinculado à aquisição de qualquer bem, direito ou serviço.

6.2) Fica desde já estipulado que a inscrição da unidade executora no **Prêmio Minha Comunidade Sustentável** autoriza que a Organizadora possa, sem ônus, por qualquer meio ou forma, parcial ou totalmente, expor e divulgar publicamente o Projeto, sua abrangência, o nome dos participantes, de terceiros que nele estejam envolvidos a qualquer título, o apoio a ele conferido, bem como o material descritivo correspondente ao Projeto.

6.3) A autorização é outorgada em caráter de exclusividade, de forma definitiva, total, irrevogável e irretroatável, sendo válida no Brasil e em todos os demais países, sem restrição de espaço, tempo, idioma e quantidade de exemplares, e permitirá à Organizadora a utilização por meio de: impressos em geral, mídia, material publicitário, sites, CD-ROM, disquete, DVD, revistas eletrônicas e digitais, conferências, palestras, relatórios, convites, folders, folhetos, livros, compilações, fotografias, slides, outdoors, catálogos, cartazes, calendários, enciclopédias, produtos culturais, exposições itinerantes ou não, em qualquer local, mostras nacionais ou internacionais, outros materiais institucionais, promocionais ou publicitários.

6.4) Os integrantes dos grupos cedem, a título gratuito, à Organizadora o direito de uso de seus nomes, imagens e depoimentos, para fins de divulgação do **II Prêmio Minha Comunidade Sustentável**.

7 Disposições Gerais

O não cumprimento pelos grupos inscritos das disposições deste Regulamento e das demais instruções fornecidas durante o processamento do concurso implicará sua desclassificação.

As decisões da Comissão Julgadora serão soberanas e irrecorríveis, não cabendo recursos aos concorrentes qualquer contestação de tais decisões, bem como dos seus resultados. Os casos não previstos por este regulamento serão discutidos e acordados pela Comissão Organizadora do **Prêmio Minha Comunidade Sustentável**.

As despesas referentes à elaboração e ao envio dos projetos e quaisquer outras necessárias para a participação no concurso correrão por conta dos próprios inscritos.

Comissão Organizadora do Prêmio Minha Comunidade Sustentável

REALIZAÇÃO:

Carta-Escola

ação
educativa

PATROCÍNIO:

TIM
Viver sem fronteiras

APOIO:

EMBRAER

Editora
Saraiwa
www.editorasaraiva.com.br

APOIO INSTITUCIONAL:

CartaCapital

consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

UNIDIME
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

Prêmio Minha Comunidade Sustentável

FICHA DE INSCRIÇÃO - PRÊMIO MINHA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL

TÍTULO DO PROJETO _____

PROPONENTE DO PROJETO

UNIDADE EXECUTORA _____

CNPJ _____ Insc. Est. _____ Insc. Mun. _____

Endereço _____

Número _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Fax _____ E-mail _____

Responsável pela unidade _____

ESCOLA VINCULADA À UNIDADE EXECUTORA

Diretor _____

CNPJ _____ Insc. Est. _____ Insc. Mun. _____

Endereço _____

Número _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Telefone _____

Fax _____ E-mail _____

Professor gestor do projeto (nome completo)

_____ RG _____

Telefone para contato _____ E-mail _____

Instituição externa à escola que dá apoio ao projeto (não obrigatório)

Técnico responsável da instituição

_____ RG _____

Telefone para contato _____ E-mail _____

DADOS DO PROJETO

Custo do projeto _____ (Valor máximo R\$ 30.000,00)

Descrição sumária do projeto

A Ficha de Inscrição deve trazer anexa a **descrição do projeto** em formato compatível com o processador de texto Word ou em texto impresso.

REALIZAÇÃO:

Carta-Escola

ação
educativa

PATROCÍNIO:

TIM

Viver sem fronteiras

APOIO:

EMBRAER

Editora Saraiva
www.editorasaraiva.com.br

APOIO INSTITUCIONAL:

CartaCapital

consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

UNDIME
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

FORMULÁRIO DE DESCRIÇÃO DO PROJETO

1 – IDENTIFICAÇÃO

- Título do projeto:
- Unidade executora:
- Nome da escola:
- Gestor (professor responsável pelo projeto):
- Ano(s)/série(s) envolvido(s) no projeto e na sua execução:
- Disciplinas envolvidas no projeto e na sua execução:



2 – APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROJETO

2.1. Justificativa

- Descrição da proposta
- Objetivos
- Justificativa: importância do projeto, impacto na comunidade e viabilidade técnica.
- Aplicação do princípio de sustentabilidade: explicar de que maneira aspectos sociais, econômicos, ambientais, culturais ou educacionais estão presentes e inter-relacionados no projeto.

2.2. Ações dos participantes

- Papel e participação dos professores no processo de construção e implementação do projeto.
- Papel e participação dos alunos no processo de construção e implementação do projeto.

Dica

Mostrar a importância dessa participação, principalmente para os alunos, e a aprendizagem que poderá advir desse engajamento.

3 – Justificativa da parceria

Responder, no caso de haver algum tipo de parceria da escola com outra instituição.

- Motivos que levaram à parceria e qual o papel do parceiro no projeto.

3.1. Implantação do projeto

Relacione as atividades e indique em que momento serão realizadas. Devem ser mencionadas as atividades relacionadas a cada quinzena durante os meses de fevereiro a julho de 2009:

Modelo de descrição das atividades e cronograma de implementação do projeto

	Fev		Mar		Abr		Mai		Jun		Jul	
	1ª quinz.	2ª quinz.										
XXX												
XXX												
XXX												

4 – Planilha detalhada de custos

Para que o projeto possa se desenvolver de maneira adequada, é importante que, no planejamento, haja o maior cuidado possível com a previsão de custos envolvidos. Para tanto, é importante que o grupo, por meio de seu gestor, preencha a tabela abaixo da maneira mais detalhada possível, levando em consideração o custo total do projeto (os projetos inscritos devem se encaixar em uma destas categorias de orçamento: 5 mil, 10 mil, 15 mil ou 30 mil reais, conforme consta no item 5 do regulamento) e o volume de recursos a ser liberado em cada etapa (50%, 40% e 10%).

Item/mês	TOTAL	50%		40%		10%	
		Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
TOTAL GERAL							

Importante:

Não poderão ser gastos recursos com remuneração de pessoal, materiais que não sejam vinculados diretamente ao projeto, alimentação, transporte ou hospedagem.

REALIZAÇÃO:

PATROCÍNIO:

APOIO:



Editora
Saraiva
www.editorasaraiva.com.br

Carta-Escola

ação
educativa

TIM
Viver sem fronteiras

APOIO INSTITUCIONAL:

CartaCapital

consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

UNDIME
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação